

GIANE LESSA

giane.lessa@unila.edu.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA
(BRASIL); UNIVERSIDADE DO MINHO (PORTUGAL)**

DESAFIOS DA CRIAÇÃO DO CURSO DE LETRAS, ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

RESUMO

Inaugurada em 2010, na cidade de Foz do Iguaçu, estado do Paraná, Brasil, situada na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, a Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) tem como missão integrar países latino-americanos a partir do intercâmbio acadêmico e cultural e do desenvolvimento científico e produção de conhecimento para a região. A instituição tem seus princípios fundamentados no ensino público e gratuito, na educação bilíngue (português e espanhol), na promoção da interculturalidade, com respeito à diversidade cultural e no desenvolvimento indissociável do ensino, pesquisa e extensão universitários por meio da abordagem interdisciplinar. Apresento aqui um relato de experiência de alguns passos e desafios vividos por docentes, discentes e técnicos administrativos nesse contexto, na implementação do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural (LAMC). Sem a pretensão de esgotar impasses e esforços e, sobretudo, perspectivas divergentes de outros atores sociais envolvidos na criação do curso, exponho quatro desafios que identifico como fundamentais. São eles: a heterogeneidade da formação do corpo docente; a implementação da inter e transdisciplinaridade no ensino de graduação; a vocação internacional da universidade junto às leis brasileiras; a criação de disciplinas inexistentes no rol das disciplinas das universidades brasileiras. Como não cabe neste espaço a descrição de toda a grade curricular, concentro meu foco nas matérias relacionadas aos estudos das culturas latino-americanas de base oral e suas produções culturais, por entender que elas têm papel central da promoção da interculturalidade e da integração latino-americana. Esses quatro desafios se integram, ao meu ver, como eixos norteadores de um processo marcado por uma prática reflexiva cujas bases epistemológicas se constituem e fortalecem em sua realização empírica. O curso de LAMC se constrói na medida em que tenta oferecer às sociedades latino-americanas profissionais capazes de potencializar diálogos e traduções interculturais a partir de uma reflexão e elaboração sensíveis às idiosincrasias históricas, estéticas, políticas e sociais da região marcadas pelos processos de pós-colonialismo e globalização. É a partir da descrição da formação do curso que emergem as bases para a construção do conceito de mediação cultural no contexto latino-americano.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação cultural; integração latino-americana; heterogeneidade; trânsitos culturais

INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte do meu estudo de pós-doutoramento em Estudos Culturais na Universidade do Minho, sob o título “Para além das fronteiras: construção discursiva de memórias e identidades interculturais na UNILA” e apresenta um relato de minha experiência como docente na implementação do Curso de LAMC, que compreende minha participação na própria construção da universidade. Ao longo de sete anos do meu ingresso na instituição participei da criação de disciplinas, observei a interação dos estudantes e constatei a surpreendente emergência de sujeitos em contato com línguas e culturas, o que configura o cunho etnográfico deste estudo. Neste testemunho, conjugo minhas memórias com algumas entrevistas feitas em diversos momentos da minha trajetória na UNILA e informação contida em documentos da UNILA e notadamente do curso de LAMC, a partir de meu lugar de enunciação constituído como docente do curso com graduação em Letras, com mestrado interdisciplinar em Linguística Aplicada e doutorado interdisciplinar em Memória Social. Na seção dois, apresento um histórico da criação da UNILA, faço uma breve descrição do seu contexto sociocultural e explico as bases constitutivas da construção do curso de LAMC. Na seção três, discorro sobre os quatro desafios que, ao meu ver, foram relevantes para essa construção. Na seção quatro apresento as considerações finais do trabalho. Ressalto que desde sua criação, foram realizados seminários com convidados externos à instituição, com o objetivo de refletir sobre a criação do conceito de mediação cultural em construção na UNILA. Como poderá ser verificado, o conceito nasce da contingência da vocação latino-americana da universidade. Nesse sentido, apresentam-se algumas questões introdutórias: em que direção a mediação cultural nos aponta? De que maneira o conceito se relaciona com a prática tradutória? O que está em jogo quando se alude às práticas de tradução cultural na América Latina? Se há uma fissura histórica entre as práticas culturais norteadas pela escrita alfabética e as práticas culturais das oralidades latino-americanas, que conhecimentos são relevantes para a formação do mediador nessa região? Entendo que a apreensão do conceito se dá na junção dessas interrogantes com a descrição da construção do curso e nas reflexões que o constituíram.

A UNILA: HISTORIAL E CONTEXTO

Defendamos, pois, a literatura que se hibridiza e se reinventa em suportes digitais (livros eletrônicos, audiolivros, minicontos em Twitter etc.), como igualmente defendemos o livro e a leitura com seus próprios rituais e suportes tradicionais. Mas, o que realmente é fundamental e requer cuidado é a defesa da heterogeneidade, da diversidade, das opções, seja de suportes ou de conteúdos. Ao desejo mercantil da indústria cultural de homogeneização dos gostos e interesses devemos contra atacar com a insubordinação que muitas vezes é acentuada, muito pejorativamente, de arcaica ou contracultural. (Pereira, 2013)

Os egressos deste curso, voltado às letras vivas (em escrita, voz, corpo) ou à mediação cultural, deverão possuir uma sólida formação ética, teórica, artística, técnica e cultural, com atuação profissional qualificada para o empreendimento da investigação de novas técnicas, metodologias de trabalho, linguagens e propostas estéticas, com a busca permanente da atualização profissional e com capacidade de inovação para intervir no mercado de trabalho, criando novas oportunidades de atuação ética, intelectual e artística. (UNILA, 2013, p. 8)

Em 2010, foi inaugurada a Universidade Federal da Integração Latino-Americana na cidade de Foz do Iguaçu, estado do Paraná, Brasil, situada na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Com a missão de integrar países latino-americanos a partir do intercâmbio acadêmico e cultural e do desenvolvimento científico e produção de conhecimento sobre e para a região, a instituição tem seus princípios fundamentados sobretudo no ensino público e gratuito, na educação bilíngue (português e espanhol), na promoção da interculturalidade e do respeito à diversidade cultural e no desenvolvimento indissociável do ensino, pesquisa e extensão universitários por meio da abordagem interdisciplinar.

As aulas tiveram início em agosto de 2010, com 200 alunos provenientes do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai distribuídos em 6 cursos de graduação¹. Foram nomeados pela presidência da república o reitor e vice-reitor, respectivamente o brasileiro Helgio Trindade e o uruguaio, Ge-

¹ Ciências Biológicas – Ecologia e Biodiversidade; Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento; Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina; Engenharia de Energias Renováveis; Engenharia Civil de Infraestrutura; Relações Internacionais e Integração.

rónimo de Sierra. Nessa época, os cursos não tinham conformados seus planos político-pedagógicos nem, portanto, sua grade curricular. Os estudantes assistiam às aulas de línguas, português ou espanhol segundo sua origem e às aulas sobre América Latina e metodologia, que conformavam o chamado ciclo comum de estudos, integrante de todos os cursos da universidade. Além dessas, estudantes e docentes puderam participar intensivamente das Cátedras oferecidas por renomados especialistas em várias áreas do conhecimento, convidados, procedentes de distintos países.

Os primeiros professores da UNILA se somaram ao quadro de servidores por meio de concursos públicos para o quadro efetivo, editais de seleção para o quadro de visitantes e editais para o grupo de professores seniores, contratados para dar suporte à implantação da universidade, elaboração das grades curriculares e posteriormente à ideiação da pós-graduação. Em 2011, a UNILA recebeu mais 600 alunos, provenientes do Peru, Bolívia, Equador e outros países, ampliando a diversidade latino-americana no contexto universitário e inaugurou seis cursos novos. É neste ano que começa o debate sobre a implementação do que veio a se consagrar como o curso de Letras Artes e Mediação Cultural (LAMC).

A princípio, a concepção girava em torno de um curso intitulado “Letras, Expressões Linguísticas e Literárias” (LELL), cujo título já marcava uma orientação desvinculada dos cursos tradicionais de Letras do Brasil e dos países vizinhos, apontando para a formação de bacharéis em letras latino-americanas. Nesse momento, o que estava claro para o grupo de docentes efetivos (ainda poucos) e visitantes (em maior número) era o foco nas literaturas, artes e questões estéticas, sociais e políticas latino-americanas e seus pensadores. Os conceitos de descolonização baseados nas obras de autores latino-americanos como Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Edgard Lander, Nelson Maldonado, que junto a Walter Mignolo pensaram “El Giro Decolonial” (Castro-Gómez & Grosfoquel, 2007) entre outros; o conceito de heterogeneidade cultural, baseado nas obras de Antonio Cornejo Polar²; o conceito de interculturalidade baseado nas obras de Catherine Walsh e Juan Carlos Godenzzi³, associados à ideia da necessidade de um núcleo forte de pensamento contestador da hegemonia eurocêntrica de produção de conhecimento, fomentavam os debates e discussões, abrindo um espaço

² Antonio Cornejo Polar, pesquisador, ensaísta, crítico literário e teórico peruano que desenvolveu o conceito de heterogeneidade cultural na América Latina, para explicar encontros radicais entre culturas, línguas e cosmovisões em curso desde a conquista da América.

³ Para Godenzzi (1996) o conceito de interculturalidade na América Latina está vinculado à diminuição da assimetria identitária característica das relações interculturais e à produção de saber sobre as culturas envolvidas nesse processo.

para novas epistemologias, incluindo as decorrentes de culturas de base oral, no intuito de mitigar as assimetrias arraigadas na produção intelectual das sociedades latino-americanas, criadas pelo colonialismo e suas versões mais recentes.

A construção de um novo curso fez parte do projeto apresentado por Alai Garcia Diniz à CAPES⁴, para sua atuação na UNILA. Havia, portanto, uma ideia já amadurecida ao longo de sua extensa e consolidada trajetória acadêmica, que apontava para uma ruptura acentuada com pedagogias convencionais, concepções tradicionais da academia e com a visão canônica e conservadora da literatura e da produção de conhecimento. Além da diversificação estética representada por disciplinas como arte, performance e produção audiovisual, sua proposta incluía a inserção de estudos da intermedialidade e da disciplina da Terceira Margem – língua e cultura Guarani – que dariam conta respectivamente da produção de uma discursividade com base numa forma de letramento concebida no âmbito do entrecruzamento de mídias da era digital e da aproximação do estudante de cosmovisões indígenas e suas relações históricas, políticas e sociais, com a hegemonia das culturas ocidentais e com os Estados Nacionais. Nesse momento foram muito discutidos conceitos como o de interculturalidade na América Latina, diferenciando-o daqueles produzidos em contextos neoliberais ocidentais, que propõem o respeito e a tolerância, mas ocultam ou omitem a continuidade de desigualdades sociais.

Com efeito, o conceito de interculturalidade em discussão almejaria atenuar as assimetrias que configuram múltiplas formas de colonialidade, seja a do poder que estabelece um sistema de classificação e nomeação de sujeitos como negros, brancos, mestiços, índios; ou a colonialidade do saber pautada no lugar de enunciação eurocêntrico que não pode, segundo Diniz (2013) – justamente devido a esse lugar e da necessidade de manter sua supremacia – conceber outras racionalidades epistêmicas ou conhecimentos gerados em outros contextos geopolíticos. Os debates versavam sobre a necessidade de promover a interculturalidade, sabendo que estávamos diante da construção de uma das facetas de um conceito polissêmico devido, sobretudo, ao lugar a partir do qual era enunciado. Sabíamos que teríamos que estabelecer uma relação com este, a partir de uma prática descolonizadora do próprio sujeito – refletindo, dialogando e trazendo para a academia vozes subalternizadas, inferiorizadas e desumanizadas pelo colonialismo.

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Agência do governo Federal brasileiro para apoio e fomento à pesquisa.

Aquela primeira versão do curso apresentada pela Alai Diniz ao grupo de docentes da UNILA ocasionou debates mediados pela coordenação de Diana Araujo Pereira. Paralelamente, ocorriam seminários e discussões sobre a implementação da interdisciplinaridade, no ensino e pesquisa, promovidos pela pró-reitoria de Graduação, a cargo de Maria Adélia de Sousa, geógrafa, com uma longa trajetória e produção acadêmico-científica, vinda da Universidade de São Paulo especialmente para ocupar esse posto. Desse seminários participavam docentes de todas as áreas, de modo que, por exemplo, pensava-se em como integrar o conhecimento da cosmovisão dos povos originários com as engenharias, saúde etc., além das possíveis interfaces entre disciplinas.

Outra característica fundamental desse contexto inicial que identifica a prática inovadora da UNILA foi a imediata criação de um curso de extensão de língua e cultura Guarani, em que os professores eram os próprios discentes falantes dessa língua, que em geral era sua língua materna. Essa iniciativa partiu da colega Maria Eta Vieira ao deparar-se nas suas primeiras aulas de português para alunos não brasileiros com falantes de guarani. Em entrevista, ela declara:

a sala de aula de português (...) encontramos alunos que participavam do carnaval de Oruruo, jovens que se apresentam em guarani, encontramos uma diversidade extraordinária. Muitas vezes nossas lentes não nos permitem ver a dimensão dessa diversidade, muitas vezes eles também não percebem que são frutos de conhecimentos milenares (...) na UNILA muitos estão se apoderando desse conhecimento. (...) Na verdade, todo ensaio que a gente faz para a primeira aula foi por água abaixo. Eu sabia que nessa universidade teria alguém que falaria em guarani, não sabia que seria na minha primeira aula. (...) Eu saí da aula e fiz um projeto de extensão em que os estudantes davam aulas de guarani. (...) Como é que é isso, um estudante que chega para estudar e se transforma em professor? Ele já era professor, porque ele tem o conhecimento. (Maria, entrevista pessoal, 16 de julho de 2013)

Após a solicitação da professora de que cada um se apresentasse e dissesse seu país de origem, um dos estudantes se apresentou em guarani e em seguida traduziu sua apresentação para o espanhol. Ao receberem uma reação positiva da professora à apresentação na língua nativa, os demais alunos, que anteriormente haviam se apresentado em língua espanhola, reagiram de forma confiante, declarando serem também falantes da língua autóctone. Maria Eta Vieira criou, em seguida, o curso de extensão

universitária de Língua e Cultura Guarani, aberto à comunidade, sob sua supervisão, oferecido por esses estudantes. Dele participaram alunos e professores da UNILA, profissionais residentes na cidade que lidavam com as comunidades Guarani da região, como médicos, policiais, agentes de turismo etc., e brasileiros, paraguaios e argentinos que desejavam “reaprender” a língua de seus pais e/ou avós, que compreendiam relativamente bem a língua, mas haviam perdido a proficiência oral.

A criação desse curso permitiu uma experiência e evidenciou uma perspectiva jamais vividas numa universidade brasileira. Sua concretização norteava nossa prática acadêmica, mesmo quando não estávamos diretamente envolvidos com ele e apontava um caminho descolonizador. A presença de estudantes falantes de uma língua não hegemônica, assumindo uma posição de agentes tradutores da própria cultura, ensinando suas próprias línguas, tornava-se costumeira e nos estimulava a refletir sobre suas culturas, sobre nosso olhar sobre elas, sobre o ensino e sobre sua inclusão, já prevista no curso de LAMC. Logo tiveram início cursos de quéchua e aymara, também oferecidos por estudantes falantes dessas línguas. Em 2012, foi aprovado por concurso público, o primeiro professor de língua e cultura guarani da UNILA – Mario Ramão Villalba, filho de mãe paraguaia e pai brasileiro. Era notório e inédito para a comunidade universitária o crescente comprometimento com as culturas de base oral, suas idiossincrasias, seus contextos, suas narrativas e, sobretudo, com aqueles sujeitos que estavam ali, fazendo-nos ouvir diariamente sua língua, a estranhá-la, a procurar entendê-la, a considerá-la e a repensar nossa noção de língua, o papel da escrita na América Latina e seu confronto com a oralidade ameríndia. Por outro lado, isso significava a presença viva representativa de culturas que o colonialismo não conseguiu exterminar. A constatação, que se dava na convivência diária, proporcionava a todos a dimensão da profundidade histórica da produção de conhecimento na América Latina e o contato direto com versões não oficiais dessa história.

A partir dessa perspectiva iniciamos uma trajetória – inacabada – em busca da construção de um conceito de mediação cultural no contexto latino-americano. Estávamos cientes de que o conceito complexo, em processo de elaboração e ainda não consolidado, resultava das demandas ocasionadas pelos fluxos migratórios e toda gama de deslocamentos culturais⁵ que, de forma intensa e progressiva, vem colocando sujeitos em

⁵ Uso aqui o conceito desenvolvido pela pesquisadora cubana Elena Palmero (2010, p. 109): “diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística, diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas, pensar em traslado, trânsitos de todo tipo, políticas do movimento e em economias de viagem”.

contato. Notícias sobre questões de cunho cultural sobre o contato de migrantes, refugiados, indígenas e falantes de línguas minoritizadas no âmbito da educação, da saúde, da justiça etc. são cada vez mais recorrentes nos meios de comunicação e mídias sociais⁶. Esta situação contemporânea decorrente de mudanças e processos vertiginosos de encontros culturais nos convoca a pensar e instituir a mediação cultural em contextos específicos e clamam por um conceito de mediação cultural que possa definir sua prática e o papel do mediador cultural.

Tornava-se notório que a construção do conceito devia ser orientada pela localização das práticas culturais advindas de vários processos de culturas e línguas em contato na América Latina, no passado e no presente; dos entraves e conflitos de cunho cultural emergentes nessas interações sociais; das produções artísticas e literárias nesse espaço geopolítico. Sugiro que o conceito de mediação cultural no contexto latino-americano, situado e provisório, tem na configuração sociolinguística e sociocultural da UNILA um *locus* vantajoso e produtivo para sua constituição.

Essas prerrogativas se afirmavam como âmbito universitário, imprevisível anteriormente, no qual a universidade tomava corpo e o curso de LAMC se concretizava. A cada dia, nos tornávamos mais cientes do desafio que representava a construção da instituição, dos cursos e das epistemologias que poderiam se constituir a partir desse universo. Tratava-se de uma apropriação paulatina do lugar de enunciação latino-americano – previamente assinalado em pesquisas teóricas e de campo por alguns docentes – e manifesto pelo corpo docente e discente no convívio diário, de modo que o curso de LAMC se conformava a partir desses referentes fundamentais. Já não se tratava mais de um projeto escrito a ser colocado em prática, mas das bases da realidade que se constituíam diante de nós na nossa convivência diária que constituiriam o próprio projeto. Possivelmente, os desafios para a construção do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural apontados neste artigo podem contribuir para a apreensão do conceito no contexto latino-americano, o qual arriscarei delinear nas considerações finais deste artigo.

⁶ Nas seguintes reportagens jornalísticas encontram-se alguns exemplos de casos de repressões linguísticas e culturais decorrentes dos deslocamentos de sujeitos. É lícito inferir que se tratam de diferenças culturais e de assimetrias sociolinguísticas acentuadas: <http://tinyurl.com/yy6nxdr>; <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v14n1/1808-2432-rdgv-14-01-0123.pdf>; <http://tinyurl.com/zr7o8ro>; <http://tinyurl.com/yyzbdkq8>

ALGUNS DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO DE LAMC

Para além da abordagem tradicional da literatura, da arte, da tradução, da linguística e da gestão cultural, fundamentada no estudo diacrônico e eurocêntrico da cultura, o curso busca o diálogo com experiências estéticas inovadoras, no entrelugar em que convergem o aqui e agora e o passado. Pelo mesmo viés, o curso esteia-se na abordagem de teorias que abarcam a confluência das linguagens verbal, corporal, sonora, visual e plástica. (UNILA, 2013, p.5)

Nesta seção, apresento alguns dos desafios com os quais tivemos que lidar durante o processo de elaboração do curso de LAMC. Evidentemente, não cabe na extensão deste artigo enumerar todas as questões que envolveram os debates e decisões até a conformação da primeira matriz curricular do curso, mas é possível indicar, ao meu ver, alguns pontos chave do processo. Vale ressaltar que, após a sua criação, os anos de 2015, 2016 e 2017 foram repletos de reuniões do Núcleo Docente Estruturante de LAMC (NDE), criado para pensar permanentemente a estrutura pedagógica do curso, discutir e elaborar possíveis reestruturações, segundo resultados de avaliações internas e externas, estudos e demandas de normativas mais recentes do Ministério da Educação. Este ano está sendo encaminhada uma nova matriz curricular para aprovação no Conselho Universitário em função dessas normativas e das avaliações feitas. Seguem as quatro particularidades, principais ao meu ver, com as quais tivemos que lidar para a implementação do curso de LAMC. Algumas de base estrutural, outras de base epistemológica, mas que se influenciavam mutuamente.

DIVERSIDADE E HETEROGENEIDADE DO CORPO DOCENTE E DE SUA FORMAÇÃO

Uma característica que evidenciava a heterogeneidade do grupo docente era sua procedência de vários países como: Peru, Paraguai, Uruguai, Colômbia, etc. e de diversas regiões do Brasil. Esse caldo cultural foi se enriquecendo a cada ano, tanto em relação com os colegas de outros países, como dos brasileiros que chegavam de distintas regiões do país, caracterizadas por culturas muito diversas. É importante ressaltar a pluralidade de variantes linguísticas nesse contexto que, segundo entrevista feita em 2018 a Diana Araújo Pereira, formada em Letras, Português e Espanhol e respectivas literaturas:

acaba gerando um desafio pessoal, muito maior que o desafio acadêmico (...). O desafio pessoal é ao meu ver maior

do que o acadêmico”, reitera, “você fica entre a euforia e a angústia e a insegurança que isso gera. (Diana, entrevista pessoal, 12 de setembro de 2017)

Na mesma entrevista, a professora relata as tensões provenientes da dificuldade inicial de mútua compreensão linguística pela qual todos passamos, pois quando essa diversidade linguística se apresentava no contato de docentes e discentes, as tensões aumentavam:

eu me lembro, por exemplo, de alguns estudantes comentarem comigo que eles percebiam que tiravam notas baixas, pois achavam que o professor não os entendia. Um outro colega, ao falar, subia o tom da voz, como se dessa forma pudesse ser melhor compreendido. (Diana, entrevista pessoal, 12 de setembro de 2017)

Outro desafio se avultava na heterogeneidade da formação do grupo de docentes, que pode ser resumido da seguinte forma: aqueles que tinham sua formação voltada para a América Latina, em maior ou menor medida familiarizados com a pesquisa e ensino interdisciplinares; aqueles que não tinham sua formação especificamente voltada para a América Latina mas tinham uma abertura conceitual interdisciplinar; aqueles que tinham uma formação mais conservadora e pouco inclinados aos estudos interdisciplinares e sem formação prévia em estudos latino-americanos. Além dessas havia uma diversidade quanto ao nível acadêmico e experiência no ensino universitário. A maioria dos professores visitantes estava iniciando o seu doutoramento. Por outro lado, alguns deles tinham pós-doutoramento e doutoramento em universidades estrangeiras, com vários livros publicados e uma experiência acadêmica consolidada. Todos com suas competências e conhecimentos participaram das discussões sobre a construção do curso, momentos em que as diferenças se faziam notar, enriquecendo o debate.

Fundamental nesse processo estruturante foram as atuações de Alai Diniz e Diana Araújo Pereira, primeira coordenadora do curso de LAMC. Ela esteve à frente da coordenação das metodologias criadas para implementação do curso e do grupo de professores nela envolvidos, lidando com a heterogeneidade do grupo de docentes que constituiria o curso. A multiplicidade de visões que marcou esse momento precisava ser administrada em favor da ousadia de um curso que jamais existiu na América Latina e de uma universidade também inédita, com vocação internacional e integradora dos povos. É preciso deixar constância, porém, do envolvimento e comprometimento do grupo com o projeto, procurando entendê-lo a partir de suas áreas de atuação e experiência acadêmicas.

A IMPLEMENTAÇÃO DA INTER E A TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE GRADUAÇÃO

O segundo desafio foi de ordem pedagógica e epistemológica: o fato de que uma proposta de um ensino de graduação interdisciplinar – prática já recorrente em algumas pós-graduações do Brasil – requerer uma mudança substantiva na atividade docente, uma dedicação maior à preparação de aulas, um diálogo contínuo com outras áreas do conhecimento, uma integração permanente com colegas e, portanto, com a multiplicidade de diferenças e com a pluralidade cultural e linguística que a própria instituição abrigava e nos apresentava diariamente por meio de situações totalmente extraordinárias que nos tirava de nossa zona de conforto. O engajamento docente na prática da interdisciplinaridade pressupunha a vontade de mudança, a sensibilização para um olhar complexo sobre a realidade e sobre o objeto de conhecimento, a abertura para aprendizagem e troca com colegas e de um estudo mais aprofundado sobre o que nos competia ensinar.

Estávamos todos diariamente implicados em sucessivos deslocamentos de distintas ordens. Nossas convicções, certezas e muito de nossa aprendizagem anterior se viam abaladas e éramos compelidos a pensá-las sob uma nova ótica. Essas inquietações nos convocavam a refletir sobre as decorrências e possíveis impactos das formas de estruturação do conhecimento e da composição de novas disciplinas e cursos. Além das reuniões internas sobre o ensino inter e transdisciplinar na graduação, haviam reuniões de todas as áreas de conhecimento presentes na UNILA, como assinalado anteriormente, sob coordenação da pró-reitora de graduação, ademais das cátedras ministradas por pesquisadores convidados de várias partes do mundo, seguidos de longos debates. Posteriormente, houve diversos encontros em que discutimos as interfaces de disciplinas dos outros cursos e foram feitas escolhas e adequações de disciplinas, tanto de caráter obrigatório como optativas, para compor o nosso curso e, do mesmo modo, nossas disciplinas também foram adequadas de acordo com a seleção e com as necessidades apresentadas por outros cursos. Executadas essas apurações, uma nova série de reuniões com colegas de outras áreas foram realizadas para discussão do conteúdo a ser ministrado.

O DESAFIO DE UMA UNIVERSIDADE DE VOCAÇÃO INTERNACIONAL JUNTO ÀS LEIS BRASILEIRAS

Impossível pensar a vida no século XXI sem esgarçar ou esquadrinhar suas fronteiras, mesmo porque é por aí que

transitam, roçam, encontram-se ou se chocam massas em deslocamentos constantes. (Diniz, 2015)

Desde o início da criação da UNILA nos deparamos com várias questões de ordem legal que se interpunham à vocação internacional da instituição. As leis brasileiras, em muitos casos, não previam os questionamentos burocráticos que surgiam. Uma das questões, por exemplo, era a necessidade de comprovação de uma proficiência mínima em língua portuguesa exigida nas demais universidades brasileiras. Na UNILA a ausência desse quesito não impediu a entrada dos estudantes, uma vez que se tratava de universidade bilíngue em que os estudantes necessariamente teriam aulas de língua portuguesa. Em contrapartida, a legislação brasileira não previa a proposta do bilinguismo e devia ser seguida, conforme assinala em entrevista Laura Amato, a primeira professora de Língua Estrangeira da UNILA, que trabalhou na sua fundação: “como universidade brasileira, tinha todas as limitações de questões burocráticas e legais. Hoje eu acredito que isso não seja impedimento para que haja valorização de outras línguas no âmbito acadêmico” (Laura, entrevista pessoal, 12 de setembro de 2017).

Também constituiu um impasse o fato de os estudantes terem que chegar ao Brasil com a documentação apostilada no país deles. Era preciso que tivessem o selo diplomático dos consulados e do ministério de relações exteriores de seus países de origem. Em alguns casos, tratava-se de estudantes muito jovens, provenientes de famílias de baixa escolaridade e, eventualmente, apresentavam dificuldades para lidar com a documentação necessária, como explicita Laura Amato: “as questões burocráticas não se encaixavam (...) tínhamos que seguir a legislação brasileira que não dava conta dessa proposta” (Laura, entrevista pessoal, 12 de setembro de 2017).

Com efeito, era preciso seguir as leis e os editais. Não era uma tarefa simples procurar encontrar as brechas existentes no discurso jurídico que possibilitassem a flexibilização da lei para a implementação da questão documental dos estudantes e docentes. No caso dos novos cursos também encontramos outras barreiras, devido, por exemplo, ao fato de que os cursos da UNILA inicialmente tornavam-se mais extensos do que os de outras universidades em decorrência do ciclo comum de estudos. As soluções eram buscadas em função das questões que se apresentavam e a matriz curricular inédita no Brasil tinha de se adaptar às orientações do Ministério da Educação. É preciso considerar que

embora desenvolva um enfoque socialmente inovador, a proposta do bacharelado em Letras – Artes e Mediação

Cultural busca seguir, em sua concepção, as orientações do Parecer 492/2001, do Parecer 1363/2001 e da Resolução 018/2002, todos emanados do Conselho Nacional de Educação. (UNILA, 2013, p. 4)

A proposta de reformulação encaminhada este ano pelo colegiado do NDE, por exemplo, faz novas adaptações em função de exigências internas e externas à universidade. Portanto, era necessário adequar o nosso planejamento com as possibilidades reais de concretizar o projeto da UNILA. Outro detalhe, não menos importante, se relacionava à validação do diploma brasileiro nos países de origem dos estudantes que devia ser pensada a partir de ações diplomáticas.

A CRIAÇÃO DE DISCIPLINAS: UM FOCO ESPECIAL NAS RELACIONADAS ÀS CULTURAS LATINO-AMERICANAS DE BASE ORAL

A conquista da América é, antes de mais nada, um processo histórico e linguístico que começa com a necessidade de “metaforização das línguas ibéricas diante da inaudita realidade americana. Na criação do “Novo Mundo”, as palavras participam do processo de aproximação e adaptação desta realidade tão diversa, ao passo que ampliam seu potencial de ação, assumindo um papel fundamental no movimento de hibridação que se estende da linguagem aos corpos imaginários. (Pereira, 2014)

No momento atual, depois de séculos de hegemonia cultural europeia e de constituição dos estados nacionais, processos nos quais a escrita foi amplamente usada como instrumento de supremacia política e sociocultural, a maioria da população latino-americana permanece ainda numa situação de oralidade parcial. (Pacheco, 1992)

As disciplinas de LAMC se diferem daquelas criadas nas universidades tradicionais do Brasil, dos países vizinhos e possivelmente de outros currículos. O mediador cultural formado na UNILA tem um componente curricular que extrapola os demais currículos, já que o centro da produção de saber se desloca da Europa para a América Latina. Uma das primeiras disciplinas criadas foi “A Invenção da América”⁷, enunciada na primeira

⁷ Ementa da disciplina: A invenção da América através do discurso dos atores da conquista: cartas e crônicas de soldados, índios, mestiços e sacerdotes. Diálogo contemporâneo sobre as construções imaginárias do continente elaboradas durante a conquista e a colonização. Continuidade e ruptura nas Artes e na Literatura (UNILA, 2013, p. 35).

epígrafe desta seção. Foi necessário o exercício de deslocamento conceitual e enunciativo junto com autores que pensaram a América Latina a partir do lado de dentro, para compreender que a América havia sido inventada por enunciadores alheios. Para produzir esses deslocamentos, fazia-se mister, portanto, colocar foco no que havia sido deixado de lado durante anos, na formação superior; tentar compreender o que algumas vezes foi taxado de incompreensível e conhecer minuciosamente o valor do que historicamente foi tido como desprovido de relevância, a saber, por exemplo: práticas culturais e saberes produzidos por culturas de base oral. A epígrafe do pesquisador venezuelano Carlos Pacheco (1992)⁸ dá o tom e aponta um elemento central na elaboração do curso e, ao meu ver, na proposta de integração latino-americana. Essa condição de oralidade parcial em que está imersa a maioria da população latino-americana era vigente em 2010, ano de criação da UNILA, e ainda o é em 2018.

Este tem sido, ao meu ver, um dos desafios fundamentais para a construção do curso: a heterogeneidade cultural atravessada pela gama de conflitos existentes na região, gerada pelo encontro radical da escrita alfabética com a oralidade, altamente desagregador dos povos pré-colombianos cujas sequelas se fazem sentir até hoje (Cornejo Polar, 1994; Lienhard, 1990). Era preciso reconhecer a necessidade de produzir ciência que levasse em conta o conhecimento, a arte, a literatura e a antropologia gerados pelos povos de cultura oral.

Por outro lado, fez-se necessária a conjugação dos estudos da sociolinguística sobre o contato das línguas ocidentais com práticas sociais permeadas pela escrita alfabética, com as línguas de base oral, cujas práticas sociais estão atravessadas pela performatividade e por sistemas de notação não alfabéticos⁹ com os estudos sobre o letramento escolar ocidental e com estudos antropológicos. Por tal motivo, esta seção impõe uma extensão mais ampla do que as demais. Uma das questões diretamente relacionadas com a oralidade e a colonização do poder e do saber na América Latina foram as construções dos Estados Nacionais e suas fronteiras. Estas incidiram violentamente nas vidas dos povos ameríndios, cujas origens e trânsitos culturais extrapolavam essas fronteiras. As produções culturais, que buscaram a coesão das identidades nacionais e as políticas linguísticas

⁸ Pesquisador venezuelano que, em 1992, finalizou sua tese doutoral “La comarca oral, la ficcionalización de la oralidad cultural en la narrativa latinoamericana contemporánea”. A mesma encontra-se disponível em https://www.academia.edu/6200495/Carlos_Pacheco._La_Comarca_Oral

⁹ A respeito do que Lienhard (1990) chamou de a “fetichização” da escrita na América, ver também Quispe-Agnolli (2006) e Vich e Zavalla (2004).

legitimadoras do Estado, relacionadas à unidade linguística, não raro invisibilizavam aqueles povos, suas línguas e culturas. Era preciso que o curso de LAMC desenvolvesse uma grade curricular com configurações criadas para dar conta de uma geopolítica territorial conformada pelos povos, cuja relação com a terra é alheia e diversa da demarcação dos territórios dos Estados Nacionais.

Foram criadas algumas disciplinas, distribuídas a partir de outra geopolítica, como as comarcas, inspiradas na obra literária do escritor e pensador uruguaio Angel Rama¹⁰. Passaram, então, a conformar a grade curricular do curso de LAMC as disciplinas intituladas: “Literatura da Comarca Platina”¹¹, “Literatura da Comarca Andina”¹², “Literatura da Comarca Amazônica”¹³, “Literatura da Comarca Caribenha”¹⁴, em vez de, por exemplo “Literatura Peruana” ou “Literatura Paraguuaia”¹⁵. Essa nova demarcação tenta fazer frente à circunscrição das fronteiras nacionais que não correspondem às produções culturais da região e aos fluxos dos povos ameríndios e dos sujeitos que constantemente transitam e articulam suas vidas para além das delimitações geopolíticas dos Estados Nacionais. Como o expressa Diniz (2013), o olhar examinador do docente e do discente pesquisador deveria transvazar as fronteiras, acompanhando a fluidez dos deslocamentos de sujeitos e suas práticas culturais transfronteiriças.

Constatava-se claramente o questionamento do papel da universidade como único *locus* legítimo de produção de conhecimento. Esta deveria pensar junto aos povos sem escrita alfabética, integrando seus saberes sobre a fauna, a flora, os acidentes geográficos, sua arquitetura, medicina, engenharia, arte, religião etc., e suas memórias para produzir narrativas e conhecimentos desconsiderados pela academia tradicional. A esse respeito, pautado nessa visão de produção de conhecimento, tornava-se cada vez mais claro o papel integrado de disciplinas como a “Terceira margem”¹⁵

¹⁰ “Transculturación narrativa en América Latina” (Rama, 1982) e “La ciudad letrada” (Rama, 1984).

¹¹ Ementa: Diálogos contemporâneos sobre temas transversais da literatura da comarca platina (UNILA, 2013, p. 40).

¹² Ementa: Diálogos contemporâneos sobre temas transversais da literatura da comarca andina (UNILA, 2013, p. 43).

¹³ Ementa: Diálogos contemporâneos sobre temas transversais da literatura da comarca amazônica (UNILA, 2013, p. 48).

¹⁴ Ementa: Diálogos contemporâneos sobre temas transversais da literatura da comarca do Caribe (UNILA, 2013, p. 53).

¹⁵ Ementa: Introdução à língua e à cultura guarani e suas variações: Estudo da diversidade linguística do guarani. Antropologia Cultural. Etnografia. Interculturalidade. Tempo e espaço na cultura guarani (UNILA, 2013, p. 40)

(inicialmente, língua e cultura guarani, mas passível de ser estendida a outras línguas como o quéchua, o aymara, o mapudungun etc.) no curso de LAMC; como a disciplina “Oralidades Latino-Americanas”¹⁶ (que além de tratar de mitos e rituais de culturas de base oral, vai tratar das narrativas de história de vida dos testemunhos latino-americanos)¹⁷; como a disciplina optativa “História Oral”¹⁸ (cuja metodologia se faz fundamental para a geração de dados de sujeitos sem condições de escrever sua própria história) e, particularmente, a disciplina “Performance”¹⁹, que não se configura como mera alegoria capaz de sensibilizar o mediador, mas sim como o fundamento da produção cultural latino-americana pautada nas práticas, saberes e memórias que emergem na oralidade.

A Performance é constitutiva do processo de elaboração espiritual, mental e cognitivo expressos na oralidade e, portanto, da produção de significados sobre a realidade e cosmovisões de culturas de base oral. A Performance e a dialogia estabelecidas com a audiência são os meios pelos quais é transmitido o conhecimento e as memórias dessas culturas e como são solucionados problemas, impasses e conflitos dessas comunidades (Vich & Zavalla, 2004). A disciplina de Performance está intimamente vinculada ao processo de tradução cultural entre línguas hegemônicas e línguas minoritizadas e suas cosmovisões, devido ao seu potencial discursivo não verbal. De importância análoga encontram-se as disciplinas Culturas Digitais²⁰ e Montagem em Artes Visuais²¹. Por outro lado, a produção artística latino-americana é quase que absolutamente desconhecida na própria América Latina, salvo em poucos cursos específicos voltados para

¹⁶ Ementa: A disputa entre a letra e a voz; Inclusão da oralidade dentro do marco letrado; função performativa dos narradores orais (UNILA, 2013, pp. 60-61)

¹⁷ O conceito “literatura de testemunho” foi cunhado na Casa das Américas em Cuba, nos anos 60 do século XX no caso latino-americano, e se refere à literatura produzida a partir das narrativas de sujeitos latino-americanos total ou quase que totalmente monolíngues em suas línguas nativas, desprovidos de condições de expressar-se, defender-se e agir socialmente por meio da escrita alfabética e que vivem em contextos de violência física e simbólica.

¹⁸ Ementa: A história oral em seus aspectos teóricos e metodológicos. Narrativas orais e Identidade (UNILA, 2013, p. 71).

¹⁹ Ementa: Teorias e práticas sobre a arte da performance. Desenvolver a inteligência corporal com práticas que experimentem e reconheçam terrenos estéticos e afetivos, no âmbito latino-americano, como patrimônio intangível da humanidade (UNILA, 2013, p. 42)

²⁰ Ementa: A cultura digital e suas possibilidades: Arte digital – vídeo, net arte, design. Fronteiras midiáticas. A arte do vídeo e as mídias móveis como possibilidade de criação artística. Intermidialidade e hipertextualidade. O corpo na era da mobilidade (UNILA, 2013, p. 63).

²¹ Ementa: Procedimentos técnicos e estéticos de edição e montagem audiovisual. Componentes e funcionamento de ilha de edição e uso de softwares de edição: adobe premiere, *final cut*, softwares livres; montagem digital não-linear, efeitos, títulos. Tratamento de cor e design sonoro (UNILA, 2013, p. 61).

essa área do conhecimento. Em diálogo com a oralidade cabem, portanto, as disciplinas voltadas para a produção estética latino-americana. A incursão nelas implica um deslocamento cultural, social e epistemológico, já que é o lugar, por exemplo, em que se fundem, dialogam ou se enfrentam em sua heterogeneidade elementos da iconografia ocidental e elementos das iconografias incaica, guarani, nahuatl, aymara, kashinauí, yanomani etc. Essas disciplinas não se configuram como metáforas, alegóricas dos povos originários, mera representação destes ou como uma concessão epistemológica, mas como ponto de partida para suscitar a relação com cosmovisões marginalizadas historicamente, que incidem sobre a realidade sociocultural latino-americana.

As disciplinas Estudos da Tradução²² e Tradução Cultural²³ relacionam-se, principalmente, aos processos tradutórios que constituíram a conquista e colonização da América a partir do contato de cosmovisões culturalmente heterogêneas. O antropólogo brasileiro Viveiros de Castro (2005)²⁴ desenvolveu a teoria do perspectivismo ameríndio como marco distintivo da antropologia social. Segundo o autor, ao lidarmos com comunidades indígenas, nos defrontamos com outras antropologias e é a partir da comparação que estabelecemos relações permeadas pela tradução cultural. É por meio dela que se torna possível a relação entre antropologias diversas entre si. O propósito de uma tradução perspectivista não é encontrar um sinônimo em nossa língua conceitual ocidental para as representações que sujeitos de outras culturas utilizam para falar de uma suposta mesma coisa. O objetivo é não perder de vista a diferença dentro de homônimos equívocos entre nossa língua e a das outras culturas de modo que no cerne do processo tradutório está o equívoco e, ao mesmo tempo, tem-se no equívoco o ponto de partida para deflagrar processos tradutórios jamais pensados. Como evidencia Viveiros de Castro:

traduzir é presumir que há desde sempre e para sempre um equívoco; é comunicar pela diferença, em vez de silenciar o Outro (...) um equívoco não é apenas um “defeito

²² Ementa: Introdução às teorias da tradução. Análise de traduções de edições bilíngues de literatura brasileira e latino-americana (UNILA, 2013, p. 41).

²³ Ementa: Reflexão e desenvolvimento de habilidades discursivas e do exercício da interculturalidade a partir do tema tradução como mediação cultural (UNILA, 2013, p. 44).

²⁴ O antropólogo brasileiro Viveiros de Castro desenvolveu o conceito de equívoco a partir da comparação de antropologias ameríndias com a antropologia ocidental. O equívoco vem a ser aquilo que estabelece o vínculo entre cosmovisões heterogêneas; é a condição necessária para que se estabeleça o contato entre naturezas distintas; não se tratando absolutamente de pontos de vistas, mas da diferença na própria natureza.

de interpretação”, mas uma deficiência no compreender que as interpretações são necessariamente divergentes, e que elas dizem respeito não a modos imaginários de “ver o mundo”, mas aos mundos reais que estão sendo vistos. (...) o equívoco não é aquilo que impede a relação, mas aquilo que a funda e que a propõe. (Viveiros de Castro, 2005, p. 155)

Se a mediação cultural na América Latina é viável, ela se faz na medida em que uma abertura conceitual e epistemológica, que passa necessariamente pela tradução de categorias léxico-culturais se dá, e passa também pela disposição para “habitar o equívoco” tendo a “diferença como *condição* da significação e não *obstáculo*” (Viveiros de Castro, 2005, p. 155). Essa é a base conceitual da disciplina Tradução Cultural: dialogar, por meio de processos tradutórios com outras cosmovisões; constatar a existência e estabelecer uma aproximação de categorias lexicais e culturais inexistentes nas línguas ocidentais com base na escrita alfabética, sem a pretensão de compreendê-la totalmente, mas como exercício de deslocamento e trânsito cultural.

Como propõe Diniz (2013):

a tradução para além da interlíngua pode propor a performance não apenas como suporte teórico ou uma proposta de leitura das práticas culturais, mas como parte de procedimentos interculturais. Com isso seria possível infestar a barbárie civilizatória com a visibilidade a poéticas ameríndias, sejam dos mapuches, Tomaraho, Ava Guarani e aprender com eles como sobreviver séculos a fio à heterogeneidade que estabelece assimetrias e a superposição entre as culturas. (p. 3)

A disciplina Estudos da Tradução, além de preparar o estudante para a tradução cultural, trata do processo tradutório deflagrado com a conquista da América; dos “línguas”²⁵ e das políticas linguísticas em torno da normatização de regras para traduzir ou da ausência deliberada de tradução de obras de origem europeia para o contexto latino-americano. É notória a interrelação das disciplinas do curso de LAMC e sua complementaridade. A relevância de cada uma delas para a formação do mediador cultural, foi pensada e estabelecida a partir do contexto latino-americano e suas idiossincrasias de ordem cultural, social, política e histórica. Foram citados

²⁵ Nome dado aos intérpretes, geralmente indígenas que traduziam oralmente a discursividade dos europeus e a dos nativos.

alguns exemplos de disciplinas, criadas e seus pressupostos teóricos, com centralidade naquelas relacionadas com a oralidade no contexto latino-americano. A matriz curricular completa, o ementário e o projeto pedagógico podem ser visualizadas no PPC, na página da instituição²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de crise identitária e da quebra, agora definitiva, da onipotência do conhecimento acadêmico para a solução de problemas sociais básicos, é preciso buscar novas sínteses entre saberes. Não se trata mais de “estudar a natureza do homem primitivo” ou “os produtos da ignorância popular”, mas de reconhecer o saber quase clandestinamente oculto nas entrelinhas de nossas narrativas populares, numa postura de abertura para aprender com o outro. (Nestor Ganduglia & Rebetez, 2005)

Trata-se de um perfil de mediação cuja gestão cultural, está baseada na percepção de que a América Latina oferece imaginários heterogêneos que requerem ser redimensionados, contemporaneamente, nos campos da literatura, das artes, da linguística e das políticas culturais. (UNILA, 2013, p. 8)

Ao empreender este relato de experiência da construção do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural na UNILA, conjugado com a vocação latino-americana da instituição e com pressupostos teóricos de autores que pensaram a América Latina a partir da própria região, defendendo que um dos pontos chave para a formação do mediador cultural, nesse contexto, é a compreensão da inserção da escrita alfabética na América Latina, do imaginário por ela constituído, das múltiplas manifestações da oralidade na região e, sobretudo, dos lugares que veem sendo designados histórica, política e socialmente a ela. Entretanto, tal compreensão não me parece ser suficiente. É necessário compreender que a inclusão das produções culturais realizadas parcial ou totalmente na oralidade e dos chamados etnosaberes, no currículo acadêmico de LAMC, não significa meramente uma concessão de caráter exótico àqueles que ficaram de fora do bolo da civilização ocidental, no que se refere a sua cidadania, aos seus benefícios, serviços básicos como saúde, educação, assistência jurídica etc. Como propõe o

²⁶ Retirado de <http://tinyurl.com/y66ns2xx>

pesquisador uruguaio na epígrafe desta seção, trata-se do entendimento de que pode ser do lugar da oralidade que algumas respostas possam ser dadas para questões que a civilização ocidental não conseguiu responder e trata-se do fato de, como propõe o geógrafo brasileiro Milton Santos (2000), examinar o mundo a partir desse lugar periférico, marginalizado e não raro esquecido, para que possam emergir soluções mais eficazes para suas próprias questões.

A criação do curso de LAMC pretende formar sujeitos capazes de transitar espacial e temporalmente entre línguas e culturas latino-americanas e aptos a traduzi-las, seja através da expressão linguística, seja por meio de expressões artísticas, visuais, performáticas, intermediáticas, de modo a tornar visível aspectos apagados ou esquecidos relacionados à história dos povos latino-americanos e a promover interpretações e possíveis compreensões desses aspectos em contextos em que a heterogeneidade cultural salta como estigma, marginalização e até mesmo extermínio. Nesse sentido, o conceito de mediação cultural no contexto latino-americano, de caráter notadamente transdisciplinar, situacional e provisório, emerge como concepção capaz promover a reflexão sobre as fraturas históricas e heterogeneidades culturais, assim como ação social em prol da diminuição das desigualdades sociais que perduram mais de cinco séculos no continente.

A construção especialmente inovadora do curso produz uma ponderação gerada no decorrer de sua posta em prática. Alguns pressupostos teóricos foram conjugados com uma prática reflexiva permanente, que tem permitido que a concepção do curso e suas bases epistemológicas venham sendo aprimoradas e revistas. Frequentemente nos deparamos com situações de ordem cultural, social e política e seus desdobramentos difíceis de prever antes de que ocorressem no dia a dia institucional, o que faz da própria instituição um *locus* de investigação e um laboratório vivo do exercício da mediação cultural. Trata-se de uma experiência inédita em universidades brasileiras que nos impele a tornarmo-nos, cada um de nós, mediadores culturais. Conservadas nossas identidades profissionais, docentes e discentes somos aprendizes e sujeitos do mesmo processo.

Sair do cânone epistemológico da tradição disciplinar, movidos pelo fato de que a mudança acelerada nos modos de produção de conhecimento tem feito com que a natureza de muitas questões vigentes a respeito da construção de identidades e memórias culturais por exemplo, há três ou quatro décadas, mudassem de natureza, foi uma necessidade imperiosa. Essas mudanças tornaram cada vez mais complexa a convivência humana,

marcada pelo aumento dos fluxos de pessoas, migrações, trânsitos linguísticos e culturais: pensamentos e conhecimentos gerados por sujeitos deslocados, em trânsito. Novos paradigmas emergem necessariamente dessa inquietação produzida por essa gama de deslocamentos sem morada fixa, de múltiplas origens, em constante profusão e que acabam por produzir novos conceitos e novas composições do conhecimento. Tal se configura o contexto social da UNILA: composto por atores sociais deslocados culturalmente, em trânsito, e heterogeneamente transculturalizados.

O mediador cultural no contexto latino-americano deve ser sensibilizado para permitir-se deslocar linguística, cultural e simbolicamente sobre esse espaço geopolítico. É um sujeito que se sabe em trânsito e por isso mesmo sua condição é a dos atravessamentos culturais e linguísticos, do inacabado e em permanente consubstanciação. O conceito de mediação cultural na América Latina se constitui nos atravessamentos entre diferentes campos de saber. As perguntas que se apresentam na mediação cultural atravessam fronteiras disciplinares e originam problemas complexos que não podem ser confrontados no campo disciplinar. A construção do problema resulta contingente, daí o mediador também ser aquele que além de permear fronteiras as amplia, as reconfigura.

Reconhecer a necessidade da inter e da transdisciplinaridade no curso de LAMC corresponde, ao meu ver, à compreensão desse contexto e ao reconhecimento do terreno da inter e transculturalidade como uma zona de hibridez, um território nômade e ao reconhecimento da necessidade de ousar pensar para além de paradigmas consagrados, que parecem mostrar-se parcial ou totalmente ineficazes para compreender as relações translocais e transnacionais em diferentes regiões da América Latina e do mundo. Nesse sentido, a mediação cultural na UNILA produz deslocamentos nos jogos de saber e poder; desestabiliza conhecimentos sobre os quais havia consenso, propõe novas discursividades e evidencia novas práticas culturais. O mediador cultural egresso da UNILA pensa a América Latina em sua multiplicidade de fronteiras; no deslocamento permanente de seus limites e na contínua e complexa transformação e fluxo de seus povos.

REFERÊNCIAS

- Castro-Gomez, S. & Grosfoquel, R. (2007). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores.

- Cornejo Polar, A. (1994). *Escribir en el aire, ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas*. Lima: Editorial Horizonte.
- Diniz, A. G. (2013, novembro) *Interculturalidade e tradição/tradução cultural*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional América Latina e interculturalidade, Brasil. Retirado de <http://tinyurl.com/y22wx6k3>
- Diniz, A. G. (2015) Recensão do livro *Cartografia imaginaria da Tríplice Fronteira*, de D. A. Pereira (Ed.), *Revista SURES*, 5, 167-172. Retirado de <https://ojs.unila.edu.br/ojs/index.php/sures>
- Ganduglia, N. & Rebetz, N. (2005). *El descubrimiento pendiente de América Latina: diversidad de saberes en diálogo hacia un proyecto integrador*. Montevideú: Signo Latinoamérica.
- Gondenzi, J. (1996): *Educación e interculturalidad en los Andes y la Amazonia*. Cuzco: Centro de Estudios Bartolomé de Las Casas.
- Lienhard, M. (1990) *La voz y su huella*. Ciudad de la Havana: Casa de las Américas.
- Palmero, E. (2010) Deslocamento. In Z. Bernd (Ed.), *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (pp. 109-127). Porto Alegre: Literalis.
- Pacheco, C. (1992) *La comarca oral, la ficcionalización de la oralidad cultural en la narrativa latinoamericana contemporánea*. Caracas: Talleres de Anuco Ediciones, CA.
- Pereira, D. A. (2013). Supervivencia y celebración del libro: la experiencia cartonera. *Revista Saber*, 17(17), 147-161. Retirado de <http://revistas.saber.ula.ve/index.php/legenda/article/view/4645/4414>
- Pereira, D. A. (2014) La palabra poética y la (re)invención de América. *Remate de Males*, 34(1), 197-211. Retirado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635841/3550>
- Quspe-Agnoli, R. (2006). *La fe andina en la escritura: resistencia e identidad en la obra de Guamán Poma de Ayala*. Lima: Fondo Editorial UNMSM.
- Santos, M. (2000) *Território e sociedade entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Fundação Perceus Abramo.
- UNILA (2013). *Projeto pedagógico do curso de graduação em letras – Artes e Mediação Cultural*. Foz do Iguaçu: UNILA. Retirado de <http://tinyurl.com/y2puoth2>
- Vich, V. & Zavala, V. (2004). *Oralidad y poder, herramientas metodológicas*. Bogotá: Grupo Editorial Norma.

- Viveiros de Castro, E. (2005). Equívocos da identidade. In J. Gondar & V. Dodebei. *O que é memória social*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria LTDA.
- Walsh, C. (2008). Interculturalidad, pluriculturalidad e decolonialidad: las insurgências políticoepistémicas de refundar un Estado. *Tabula Rasa*, 9, 131-152. Retirado de <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a09.pdf>

Citação:

Lessa, G. (2019). Desafios da criação do curso de Letras, Artes e Mediação Cultural na Universidade Federal da Integração Latino-americana. In A. M. Costa e Silva, I. Macedo & S. Cunha (Eds.), *Livro de atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação* (pp. 46-68). Braga: CECS.